

Migração, trabalho doméstico, gênero: curso da vida e trajetórias de trabalhadoras domésticas migrantes presentes no filme: 'Que horas ela volta?'

Guélmer Júnior Almeida de Faria¹

Resumo: Neste artigo discute-se o filme “*Que horas ela volta?*” dirigido por Ana Muylaert. Chamamos atenção para o contexto da migração interna de empregadas domésticas servindo de trampolim para estabelecer-se na cidade, trazendo à tona o debate sobre relações de trabalho, gênero, classe social, mobilidade social no período pós governos de esquerda. Nesse modo de narrativa apresentamos elementos pontuais que dão visibilidade aos cursos da vida e as trajetórias de empregadas domésticas migrantes. Nesta análise, procuramos compreender o social designado pelo político nas relações imbricadas de “*Que horas ela volta?*”.

Palavras-chave: Cinema brasileiro; Trabalho Reprodutivo; Mobilidade Feminina.

Abstract: This article discusses the film “*The Secound Mother*”, Directed by Ana Muylaert, draws attention to the context of internal migration of domestic servants serving as a springboard to establish in the city, bringing to the fore the debate on labor relations, Gender, social class, social mobility in the period after the left governments. In this mode of narrative I present specific elements that give visibility to the courses of life and the trajectories of migrant domestic workers. In this analysis, I try to understand the social assigned by the politician in the interrelated relations of “*The Secound Mother*”.

Keywords: Brazilian cinema. Care. Reproductive Work. Female Mobility.

¹ Doutorando em Desenvolvimento Social e M.sc. em Desenvolvimento Social pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social da Universidade Estadual de Montes Claros-MG-Brasil.

Introdução

The second mother, um filme brasileiro da diretora Anna Muylaert produzido em 2015 retrata as nuances de um Brasil classista, racista e sexista. Ao abordar a migração de mulheres nordestinas para São Paulo que como opção de trabalho encontram na atividade doméstica seu aporte na casa de famílias de alta classe ou média; o filme “*Que horas ela volta?*” é propício para pensarmos em um contexto de mudança estrutural no Brasil, pós governos de esquerda, como inter-relacionar as questões de gênero, trabalho e migração.

Pretende-se neste artigo, tratar da problemática das migrações do segmento feminino com ênfase nas grandes cidades, e concomitantemente sua inserção no trabalho doméstico. De grosso modo, esta modalidade de trabalho se configura pela baixa qualificação, não requer nível elevado de escolaridade e não é necessário ter experiência com uma inserção precária, onerosa e rápida.

A intenção adotada aqui é apontar como a transformação social gerada na década de 2000 surtiu efeitos políticos, econômicos e sociais. Nesse sentido é possível apreender que o filme, embora retratado em um ambiente doméstico, serve de símbolo para entender a sociedade macrossociológica e a partir daí dissolver velhas heranças patriarcais, colonialistas e racistas, fruto de uma sociedade dita “pós-moderna”.

No filme conta-se a história de uma empregada doméstica nordestina que trabalha na casa de uma família de classe média paulista (norte/sul) e, em virtude da vinda da filha do nordeste para São Paulo, a empregada doméstica tem que receber a filha na casa dos patrões. A partir disso, o choque de geração e de realidade de ambas as personagens passa a figurar a trama do filme. Como a filha veio de uma geração com mais oportunidades de estudos, não aceita o tratamento dado dos patrões à sua mãe (empregada doméstica há mais de 20 anos).

O filme trata ainda, além de todos os percalços da mudança para um grande centro urbano, da problematização sobre “melhorar de vida”, “ganhar a vida”, “criar os filhos”, “estudar para ser alguém na vida” e tantas outras falas embutidas nos discursos dos migrantes além do dilema de ser mãe, mulher, migrante, nordestina e trabalhadora doméstica.

Neste artigo discute-se o filme como parte do contexto da migração interna como um trampolim para estabelecer-se na cidade e traz à tona o debate sobre relações de trabalho, gênero, classe social, mobilidade social e sua interface

com um paradigma até a década de 70 se pretendia superado, que é a migração rural-urbana.

Contexto do filme: migração, trabalho doméstico e gênero

Neste trabalho abordamos o termo migração entendendo-o como um processo. O filme “*Que horas ela volta?*” teve grande repercussão na mídia, pois, ganhou prêmios internacionais, dando visibilidade para um problema social tipicamente brasileiro, mas, que pode ser encontrado em qualquer outra sociedade, que são as relações interpostas entre empregada doméstica e patroa. Trata-se de um estudo exploratório da inter-relação entre as mudanças nos sistemas sociais de gênero e a mobilidade feminina. As migrações de mulheres sempre foram objeto à margem dos estudos sociológicos. O papel assumido por muitos pesquisadores foi de que a mulher era apenas uma companheira nesse processo migratório, sem autonomia. Por muito tempo, as migrações masculinas ditaram as tendências teóricas e incluíram as mulheres apenas como cônjuge.

No entanto, Pacecca e Curtis (2013) perceberam a inclusão da feminização às correntes migratórias a partir da década de 50 e 60 e a partir de uma clara tendência em nível mundial de incorporar gênero nas teorias da migração internacional, adotando a variável “mulher” e a exploração dos modos como o gênero incide sobre a multiplicidade de fatores que estão em jogo no fenômeno migratório.

Gender is deeply embedded in determining who moves, how those moves take place, and the result futures of migrant women and families. If internacional migration theory is to incorporate gender appropriately and effectively, it must take into account the subtle as well as the obvious factors that coalesce to create different experiences all along the migration spectrum. Further defining and understanding these forces and outcomes will greatly enhance theoretical grounding of international migration in general and the individual experiences of migrant women around the world. (BOYD, GRIECO, 2003, p. 61)

A tentativa ao aglutinar os marcadores de diferenças por sexo e as relações de gênero a contextos migratórios internos deve se ater para além das descrições das diferenças entre homens e mulheres. Peres (2009) aponta que as teorias de migração avançam no sentido de compreender as experiências das mulheres migrantes em esferas específicas – família, domicílio, mercado de trabalho.

Neste processo estão imbuídos pontos importantes para pensar as interseccionalidades presentes em constantes mudanças, sejam através dos papéis de gênero, as redes estratégicas de migração e a conseqüente inserção em mercados de trabalho atrelados à função dos migrantes. E quando se pensa no segmento feminino essas estruturas provocam profundas transformações.

Quando se trata de migração interna o tema está ainda pouco estudado. Sempre se recorre aos estudos de migração internacional, embora para Morales (2004) as fontes de informação sobre migração internacional são heterogêneas e não captam a totalidade das múltiplas dimensões do fenômeno. Uma das dimensões de gênero refere-se à variável quantitativa de sexo (número de homens, mulheres migrantes). Se gênero é uma construção social que organiza as relações entre homens e mulheres, gênero atravessa e condiciona todos os aspectos da vida social, configurando de maneira diferente as experiências migratórias de cada sexo. Deste modo, a migração desconhece a contribuição da mulher para a economia, política e a vida social.

Neste sentido, Lisboa (2007) ressalta a importância de considerarmos a perspectiva de gênero nas migrações, ou seja, levar em conta que os fatores que originam e estimulam a migração de homens e mulheres são diferentes.

Na visão de Sertório e Santos (2012) o gênero é analisado como um princípio classificatório que atravessa o movimento migratório e que, juntamente com outras categorias como “classe”, “geração” e “etnia”, configura as oportunidades de mulheres e homens migrantes. O processo migratório funciona muitas vezes como um elemento fundamental para a rearticulação das relações familiares e de gênero.

Logo, ao pensar na migração feminina e sua interconexão com a esfera do trabalho, pode-se perceber que é o trabalho doméstico um dos alvos adotado pelas mulheres migrantes para se ingressarem no mercado de trabalho e com isso garantir sua reprodução da vida e assim serem sujeitos do seu curso de vida e de suas trajetórias.

Para Tavares (2005), pela falta de opção de trabalho para as jovens nas pequenas cidades de onde vieram, as migrações do emprego doméstico passam de temporárias a definitivas. O trabalho doméstico de jovens é uma realidade mundial, segundo Félix (2010), praticado especialmente em países de Terceiro mundo, por se tratar de atividade de fácil inserção no trabalho precoce e que serve

de porta de acesso ao trabalho, principalmente às jovens migrantes do interior que não encontram trabalho em sua região.

A socialização de muitas mulheres no âmbito doméstico se dá via processo de re(produção) dos papéis das mães, avós e bisavós. Quando se trata de um ambiente em que pesa a situação econômica, a pobreza, o desemprego e a falta de oportunidade o trabalho doméstico acaba por representar um “trampolim”. Muito comum, no Brasil, o apadrinhamento, o “ajudar para estudar” de meninas da zona rural para atuarem como serviçais nas casas das famílias de classe média e alta. Entre as entrevistadas a primeira atividade na cidade foi trabalhar como doméstica.

O emprego de meninas do interior como empregadas domésticas é legitimado tanto pelas famílias de origem como pelas famílias “que acolhem” como estratégia viável para sustentação das famílias e único meio possível para sair dos lugares em que vivem rumo à “cidade grande”, lugar desejado para aqueles que há muitas gerações buscam na migração a “saída” para os seus problemas. (OIT/BRASIL, 2002)

Análise do filme: curso da vida e trajetórias de trabalhadoras domésticas migrantes presentes no filme: “*Que horas ela volta?*”

150

Na verdade, sua tradução *The Second Mother*, ou “a segunda mãe”, representa a transferência da maternagem tão presente nas realidades das empregadas domésticas, tão bem retratada nesse documentário que teve seu título traduzido para o singelo: *Que horas ela volta?*. Outro aspecto é o cuidado como um bem de valor. O cuidado deixa de ser algo naturalizado representado na figura feminina e passa a ser “vendido” como bem (valor). Assim, para Kergoat (2016) o cuidado não é apenas uma atitude de atenção, é um trabalho que abrange um conjunto de atividades materiais e de relações que consistem em oferecer uma resposta concreta às necessidades dos outros. Podemos definir como uma relação de serviço, apoio e assistência, remunerada ou não, que implica um sentido de responsabilidade em relação à vida e ao bem-estar de outrem.

As cenas que beiram o cotidiano com uma película fotográfica que lembra o ar das telenovelas brasileiras, na verdade, é um tapa de luva na herança escravocrata brasileira. As relações pessoais e de trabalho são por demais aliadas dentro do âmbito doméstico, o que sugere a demarcação, a diferenciação e ao mesmo tempo um “discurso” da igualdade. Numa das cenas, o sorvete da família é

o mais caro e importado e a empregada doméstica tem acesso a outro sorvete mais barato e nacional. Fica evidente que a patroa não nega sobremesa à empregada, mas, essa igualdade se expressa pela diferença e pela demarcação. Portanto, a formação do discurso carrega em si o lugar de poder. Brah (2006) afirma que não há nenhum lugar de poder onde a dominação, subordinação, solidariedade e filiação baseadas em princípios igualitários, ou as condições de afinidade, convivialidade e sociabilidade sejam produzidas e asseguradas de uma vez por todas. Antes, o poder é constituído performativamente em práticas econômicas, políticas e culturais e através delas. As subjetividades de trabalhadoras domésticas e patroas são produzidas nos interstícios desses múltiplos lugares de poder que se intersectam. (BRAH, 2006)

A análise da forma como distintos marcadores de diferença interagem entre si é fundamental para a compreensão das trajetórias das migrantes rurais trabalhadoras domésticas urbanas, pois a posição que essas mulheres ocupam na sociedade de acolhimento é resultado de um processo de interdependência de diversos eixos de diferenciação (LUGONES, 2008).

No trabalho doméstico há 4 marcadores de diferença que sinalizam para as relações hierarquizadas; a linguística (contato), a divisão espacial da casa (espaço) e a maternagem (relações ambíguas: pessoais e de trabalho). Em relação ao filme, o nome da personagem Val (Regina Casé) é uma referência nominal enquanto à patroa é chamada de Dona Bárbara (Karina Teles). Quanto ao espaço, a divisão da área social e do local de trabalho da doméstica é marcada pela iniquidade ao direito de uso do espaço. A passagem do filme que retrata o banho na piscina da filha da empregada doméstica é vista pela patroa como algo abjeto cuja ação foi mandar retirar toda a água da piscina para limpeza. Um claro sinal de que pobreza e subalternidade estão ligadas à falta de higiene e transmissão de doença.

Portanto, quando se fala nas várias formas de discriminação em relação à mulher, como, por exemplo, a mulher negra, a mulher pobre, a mulher migrante, a mulher portadora de deficiência, a mulher lésbica, a mulher doméstica, não necessariamente está se tratando de grupos diferentes de discriminação, visto que muitas vezes tais expressões de discriminação se mesclam, pois em alguns momentos a mesma mulher poderá a vir a sofrer, ao mesmo tempo as variadas formas de discriminação tendo em vista que tais grupos podem ser sobrepostos (CRENSHAW, 2013).

O controle do espaço de local de trabalho confinado à empregada doméstica é a cozinha. Val aguarda atrás da porta os patrões se alimentarem para retirar a mesa. O tamanho e as condições do quarto da empregada doméstica, concedido à empregada doméstica é o menor cômodo, sem ventilação e sem luz natural. Na cena em que a filha vem morar com a mãe em São Paulo, Jessica (Camila Márdila), faz duras críticas sobre o tratamento dos patrões e Val a repreende dizendo que ela pergunta demais, denotando servidão como princípio naturalizado. Portanto, o reforço de que a socialização de mulheres é feita para obedecer, segundo Kofes (1990), “é o exercício do seu papel sob mando”. Mesmo quando a doméstica já se refere à necessidade da regulação do autoritarismo da patroa, ela precede o “dentro das regras” com a afirmação “é preciso obedecer à patroa”.

A maternagem atua em via de mão dupla, ora a patroa tende a persuadir a empregada dizendo que precisa muito dela e reforçando não viver sem ela, ora a trata com desprezo, ao falar mal dela em inglês, por exemplo. Esse tratamento da patroa em relação às empregadas tratando-as como se fosse da família e repassando roupas, sapatos, acessórios, móveis usados reivindica o cuidado como um bem valorado. A transferência do papel de mãe da patroa para a empregada é também muito presente no filme, como na cena em que o filho é reprovado no vestibular sendo Val quem o acalentou mesmo sabendo que sua filha ainda não havia passado. A maternagem é presente no filme e de caráter cíclico. Val veio para São Paulo cuidar do filho da patroa (Bárbara) e deixou no nordeste sua filha (Jessica). Jessica veio para São Paulo estudar e deixou o filho no nordeste. Essa via permite compreender que as desigualdades estruturantes presentes no universo das mulheres reforçam quão difíceis é transpor as barreiras da mobilidade social.

Sair do seu lugar para o lugar dos outros define as relações da instituição empregada doméstica no Brasil, essa figura imbricada na organização familiar das classes superiores. Em razão da invisibilidade das mulheres nos processos migratórios; pensando no caso brasileiro há um pensar sobre a configuração dessa migração de mulheres nordestinas que se direcionam para São Paulo ou outras capitais para trabalhar como domésticas ao passo que essa própria organização cria meios para regular a presença da empregada nos espaços sociais.

O filme: “*Que horas ela volta?*” justapõe conceitos e discussões abordadas, sobretudo em relação à imagem que se tem do trabalho doméstico. Tão disseminado e complexo é possível depreender que não se trata apenas da atividade

fim. O trabalho doméstico envolve relações cotidianas presentes em assimetrias de poder/gênero, hierarquização, dominação/submissão, diferenças de raça, classe, mobilidade social e concomitante ao processo de mobilidade populacional.

Notadamente o filme contribui para ampliar o foco do debate sobre o curso da vida de empregadas domésticas, uma atividade oscilante perante os agravos da economia doméstica e que tem passado por profundas mudanças. Até pouco tempo filha de empregada não frequentava universidade pública. As trajetórias de vida dessas mulheres podem não diferenciar (*Quantas Val têm por aí?*) mas as suas histórias de vida são caminhos percorridos que nos fazem desconstruir a imagem que temos do trabalho doméstico. Há de retirá-lo da causalidade, inseri-lo no rol das atividades regulamentadas e, sobretudo, pensá-lo em condições dignas e decentes de trabalho. O Brasil passou nos últimos 12 anos por transformações estruturais e sociais que possibilitaram o acesso a direitos sociais básicos e à mobilidade social, no entanto, ainda pesam sobre essa sociedade ex-colonial atitudes patriarcais, de servidão e concentração de renda. São ranços de uma fissura do nosso tecido social por demais difíceis de dissolver.

Trata-se de uma obra original, que nos leva a um universo invisível recôndito no seio da sociedade brasileira. “*Que horas ela volta?*” é mais do que uma resposta. Conduz sem dúvida o telespectador a se questionar e refletir sobre as imbricadas relações de gênero, migração, trabalho doméstico, afetividade, condições de trabalho, maternagem, mobilidade social etc.

Considerações Finais

Portanto, o filme expõe as faces de uma atividade muito comum no seio da sociedade brasileira, ora recôndito ora objeto imagético projetadas pelas personagens domésticas que tanto o cinema quanto as telenovelas brasileiras estereotipam. Um trabalho em que estão imbricadas relações econômicas e relações afetivas, uma vez que o bem a ser produzido está *face a face*. Foi preciso que o país avançasse em políticas de promoção social para que a classe média pudesse (re)pensar suas práticas e atitudes. No Brasil herdeiro de cultura escravocrata, colonial e patriarcal são as empregadas domésticas que nos fazem pensar a estratificação e a mobilidade social.

Ao final do filme, a crítica em relação à construção imagética sobre o trabalho doméstico está justamente por tratar os estereótipos e a diminuição das

assimetrias entre os patrões e empregados a uma questão de mérito. Assim, o problema do trabalho doméstico no Brasil permanece sob a roupagem de problema de classe, de gênero e de raça, aspectos até hoje associados e indissociáveis. Logo, as articulações entre essas esferas posicionam as migrantes em nível inferior, colaborando para sua inserção marginal no mercado de trabalho.

Referências

BOYD, M & GRIECO, E. **Women and Migration: Incorporating gender into international migration theory**. Migration Policy Institute. Washington, 2003.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade e diferenciação. **Cadernos Pagu**, n. 26, p. 329-376, 2006.

CRENSHAW, Kimberlé. **A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero**. 2013. Disponível em: < www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/.../KimberleCrenshaw.pdf. > Acesso em 23 de março de 2017.

FÉLIX, J. F. O trabalho doméstico de adolescentes: naturalização da exclusão e submissão. Dissertação de Mestrado, 2010. Páginas?, onde foi defendido??

KOFES, Suely. **Mulher, mulheres: Diferença e Identidade nas armadilhas da igualdade e desigualdade – Interação e relação entre patroas e empregadas domésticas**. Tese (Doutorado em Sociologia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 1990.

LISBOA, Teresa Kleba. Fluxos migratórios de mulheres para o trabalho reprodutivo: a globalização da assistência. **Revista de Estudos Feministas**, n. 3, v. 15, p. 805-821, Florianópolis, set./dez. 2007.

LUGONES, María. Colonialidad y Género. **Tabula Rasa**, nº 9, p. 73-101, 2008.

MORALES, L. A. **Mujeres jefas de hogar, características y táticas de supervivencia**.:Uma intervención desde el trabajo social. Espacio Editorial, Buenos Aires, 2004.

Organização Internacional do Trabalho (OIT). **Trabalho digno para o trabalho doméstico**. [Periódico da internet] 2010. Acesso em 04/12/12: Disponível em: < http://www.ilo.org/public/portugue/region/eurpro/lisbon/pdf/pub_trabdomestico.pdf>

PACECCA, M. I.; COURTIS, C. **Gênero y trayectoria migratoria: mujeres migrantes y trabajo doméstico en el ambao**. Pap. Poblac., vol.16 nº 63, Toluca, ene./mar. 2010

PERES, Roberta. **Mulheres na fronteira: a migração de bolivianas para Corumbá** – MS. Campinas, SP, 2009.

SERTÓRIO, L.B.; SANTOS, M. O. **Relações entre trabalho, educação, gênero e migração**. Disponível em: < http://www.estudosdotrabalho.org/anais-vii-7-seminario-trabalho-ret-2010/Lidiane_Bruno_Sertorio_e_Miriam_de_Oliveira_Santos_relacoes_entre_trabalho_educacao_genero_e_migracao.pdf>. Acessado em: 23 de março de 2012.

TAVARES, G. Q. **Migração interna populacional e sua participação no desenvolvimento regional no final do século XX**. 107 p. Dissertação (Mestrado em Administração Pública) - Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2001.